

Só um povo possuidor de fé viva é capaz de suportar o terror e a perseguição

Car'leal Mindsz-ntny
"O forçado acusa"

ANO V — N.º 101
JANEIRO
20
1 9 5 7

AVENÇA

A Voz de Loulé



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telef. 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telef. 216 LOULÉ

Do Algarve... a Lisboa

TALVEZ que esta espécie de fatalismo que paira sobre a nossa Província, em matéria de melhoramentos, seja uma reminiscência atávica do facto do Algarve ter sempre andado como Reino à parte, nos tempos da Coroa.

Reino de Portugal e dos Algarves... Talvez!...

De facto, para vir da capital do País a este maldito Reino, há que atravessar um rio, num «paquete» a que só faltam as rodas para lembrar os velhos tempos da «velha máquina a vapor», em relação ao tempo que gasta no percurso.

Depois há que esperar um quarto de hora numa estação que, quanto a comodidades, parece ser do tempo em que o Algarve era Reino.

Entramos depois num comboio onde a carruagem de 1.ª classe, parece ser da mesma idade.

Mas há um vagão-cama dos W. L.! Há, sim senhor, mas se quiser uma cama só para si,

Inspector Reis Teixeira

POR ter sido promovido e chamado a prestar serviço na Direcção da PIDE, deixou de dirigir o posto de Faro o sr. Filipe Gualberto Reis Teixeira que sempre nos dispensou melhores atenções e a quem cumprimentamos e desejamos, no seu novo cargo as maiores felicidades.

A propósito de Poesia

(Continuação do número anterior)

A Quantidade, sendo coisa que se pode medir ou pesar, tem expressão numérica, comporta prova matemática e aí a classificação é feita sem divergência possível de opiniões, nos conceitos lógicos de Verdade e Erro.

Já o mesmo não sucede com a Qualidade, cuja apreciação se dirige aos sentidos e é feita pelo gosto, não comportando portanto qualquer prova matemática. Isto leva naturalmente a pensar que, se o gosto é aqui o factor decisivo do julgamento, nenhuma possibilidade existe de encontrar um critério de certeza que distinga e afirme o Bom e o Mau — ou o Belo e o Feio — com a mesma evidência irrefutável com que se afirma a Verdade e o Erro. Sucederia assim, com efeito, se nenhum elemento objectivo estivesse relacionado com o gosto, isto é, se este existisse totalmente livre e desligado de influência exterior, considerado por assim dizer como entidade subjectiva absoluta. Se tal acontecesse, se o gosto agisse em inteira liberdade de apreciação sem estar subordinado, ele próprio, nem a regras nem a critério algum, teríamos de reconhecer que se tornava absurdo falar numa «educação do gosto»; e, como atrás disse, não ficaria garantida alguma que permitisse distinguir e classificar obras, reunir quadros ou esculturas num Museu, juntar versos numa Antologia; nem haveria lugar para uma Crítica de Arte,

em cabine individual, paga 99\$00, que é quase outro bilhete!

Se não quiser fazer a viagem nessa velha carruagem que os W. L. retiraram de outras linhas, pela sua decrepitude, vai na carruagem de primeira, onde encontrará um confortável aquecimento até perto de Alcácer do Sal.

Depois, em o comboio se aproximando do Algarve... é melhor experimentar do que... gosar.

Isto, para quem viaja de noite.

De dia, para vir para o Algarve, tem o «rápido» que a Companhia, já por um pouco de prudência, apelida de «semi-directo».

Mas só pode viajar nele em dias certos e alternados, excepto ao domingo em que não anda nem para baixo nem para cima.

E não conte que faz o trajecto muito mais rápido do que no comboio correio, embora a comodidade das instalações seja um pouco mais modernizada e portanto melhor.

Mas não o compare com qualquer rápido para o Norte. Isso, sim! E depois admiram-se muito quando se diz que o Algarve é um Reino à parte e que está mal servido de ligações.

(Continuação na 4.ª página)

A propósito

Complexos — Esta palavra, complexos tem, nestes nossos complicados dias, um uso tão intenso, que não sei bem se já não chegará a ser abuso. O caso é que deu no gôto de toda a gente e não há quem a não conheça ou não empregue na aritmética, na farmacologia, e na psicologia. São os *complexos A*; são os *complexos B*; são enfim os *complexos de inferioridade*, que afligem os tímidos e os emudecem e mantêm na sombra. Conheço mal a psicanálise e, por isso, não sei se também estuda os complexos de superioridade ou de suficiência de que certos indivíduos são dotados para nos-

so comum castigo. Porque o atacado deste complexo não se aflige com ele, como o pobre que sofre do de inferioridade. Não, é que lhe sofremos a superioridade suficiente. E, por vezes é verdade, a coisa torna-se castigo para o próximo.

Exemplares não faltam, é uma questão de observar os com atenção. Quando estou em maré de paciência dou por bem empregado o tempo gasto na observação dessa espécie, relativamente frequente. Tanto mais que são até, por vezes, e, em certos aspectos, pessoas estimáveis e mesmo úteis. Pessoalmente, confesso, o que mais me custa é não lhe ouvir nunca

(Continuação na 3.ª página)

O problema da Educação

ORA até que enfim! Até que enfim que apareceu alguém a escrever com moderação, calma, espírito tolerante e compreensivo, tratando o Problema e não o Indivíduo, analisando a Doutrina e não a Pessoa.

Ainda que nenhuma luz viesse a iluminar o assunto que se debate, uma coisa de útil permanece: o exemplo de pessoas que, embora com opiniões diferentes em dada matéria, as sabem expor sem azedume, sem ironia e sem insulto. E tal exemplo é, como elemento de educação, altamente proveitoso. Aguardo, pois, com interesse, o desenvolvimento das ideias de J. R., não com o propósito antecipado de as rebater — de resto já aqui encontro no que escreveu, algumas a que dou inteira concordância — mas com o sincero desejo de que alguma coisa de útil possa surgir no Problema fundamental que é o da Educação.

Embora possamos divergir em muitas convicções, há um

Dicionário de música ilustrado

ESTÁ publicado, pelas Edições Cosmos o fascículo IV desta interessante obra, com o II volume atinja a 200.ª página. O fascículo abre com a biografia do maestro Lopes Graça, que dirige a publicação começada a organizar pelo saudoso professor do Conservatório Nacional P.º Tomás Borba.

Imagens do nosso Carnaval



A graciosa originalidade deste Jardim despertou a curiosidade dos espectadores da Batalha de Flores de 1956

Por A. Santa Clara

ponto em que estamos, decerto, de acordo: melhorar esta Educação. Orientada neste propósito comum, a nossa conversa, perante o leitor, nunca poderá ser ociosa.

«Amai vos uns aos outros como irmãos»; o espírito de tolerância não é outra coisa senão um corolário do alto Princípio encerrado nestas palavras.

Nota — Agradecemos as palavras de A. Santa Clara e lastimamos que a absoluta escassez do tempo nos tenha impedido de continuar, neste número, a conversa sobre o momentoso problema, e nos obrigasse a deixá-la para a próxima semana.

J. R.

Deliberações da Casa do Algarve

A Direcção da Casa do Algarve deliberou, na sua última reunião:

a) Saudar o deputado algarvio Sr. Coronel Sousa Rosal, pelas afirmações produzidas na sessão da Assembleia Nacional, de 13 do mês findo, sobre a necessidade de Sagres não ser esquecida nas homenagens a prestar em 1960 à memória do Infante D. Henrique, e propor a convocação do Conselho Superior Regional

(Continuação na 3.ª página)

Homenagem ao sr. Dr. José António Madeira

UM grupo de amigos, constituído por engenheiros, oficiais do Exército e comprovincianos, leva a efeito, no dia 17 de Fevereiro próximo, em local e hora a anunciar oportunamente, um banquete de homenagem ao sr. Dr. José António Madeira, pelos seus longos anos de actividade científica, em especial no campo da Geodesia e de Astronomia.

As inscrições podem fazer-se na «Casa do Algarve», R. Capelo, 5-2.º ou na sucursal de «O Século», no Rossio.

Desprendimento

Uma florinha mimosa
bela
apareceu suavemente
naquela amendoeira...

...foi a primeira
florzinha mimosa
bela
deste ano...

...talvez por engano!

Mas não
outras, muitas mais
a rodearam
com alegria
e sorriram
e cantaram
dando mais beleza ao dia...

No meio a princesa
florzinha mimosa
bela
murmurou baixinho:

— Nós somos as Brancas de Neve
e os homens são os anões
que nos veem adorar...

E ainda mais baixinho
delicadamente,

Adorem os também
com a brancura da nossa beleza
e alegrem a primor
com a candura do nosso amor
a linda terra algarvia...

...e sorriu timidamente
para o sol e para a vida
num milagre de poesia...

Casimiro de Brito

Almoço de homenagem a Neves Franco

NO próximo dia 27, Domingo, realiza-se na Casa do Algarve um almoço de confraternização dedicado à sua comissão de turismo e propaganda, com homenagem ao respectivo presidente, sr. Hermenegildo Neves Franco, a quem será entregue uma mensagem de saudação e reconhecimento pelos serviços prestados ao desenvolvimento e propaganda do turismo algarvio.

E já grande o número de inscrições para este almoço, em que figuram as de muitas senhoras, podendo nele tomar parte todas as pessoas das relações do homenageado, que o desejem. As respectivas listas encontram-se na Casa do Algarve, telefone 23240, e na Pastelaria Marques, até 26 do corrente.

O nosso Carnaval

A fim de possibilitar a permanência em Loulé do maior número possível de forasteiros, a Comissão das Festas do Carnaval agradece a todas as pessoas que possam dispor de quartos para alugar, o favor de se inscreverem na sede da Comissão ou telefonar para o 265.

O Carnaval de Loulé

PROSSEGUEM activamente os trabalhos preparatórios para a realização de mais uma Batalha de Flores na nossa terra, que todos desejamos ganhar cada vez mais prestígio e seja digna da merecida fama que já goza de fazer o «melhor Carnaval de Portugal».

A Comissão não se tem poupado a esforços para elevar o nível de brilhantismo já atingido em anos anteriores. Registamos com satisfação os esforços já dispendidos pelos seus componentes, cujo espírito de sacrifício e entusiástica persistência os torna credores da gratidão de todos os louletanos e amigos das nossas festas.

O crescente interesse com que já se trabalha constitui garantia segura de que os festejos de Março em nada ficarão a dever em beleza e graciosidade aos anteriores.

Sabemos estarem em estudo, com a colaboração da F. N. A. T., medidas tendentes a melhorar a acomodação e abastecimento dos nossos visitantes.

Pede-nos a Comissão que tornemos publico a sua disposição de aceitar quaisquer sugestões que possam ser aproveitadas, convido que sejam com a conveniente antecedência, de modo a serem devidamente estudadas, apresentadas e oportunamente executadas.

Para evitar

estravios do jornal, pedimos aos nossos assinantes o favor de nos comunicarem a mudança de endereços e bem assim qualquer irregularidade na recepção do jornal.

22 JAN. 1957

ANO I

N.º 7

20 JANEIRO

1957



O erro é desgraça de ignorantes; a mentira é disfarce de envidados; a hipocrisia é suplício de laçaios. Sômente o homem culto, digno e firme tem confiança na verdade.

J. INGENIEROS

Da evolução formal e ideológica da poesia

Artigo de João Pires Louzeiro

A leitura de uma pequena mas azeda crítica à poesia modernista, trouxe-nos à ideia escrever umas quantas linhas sobre o valor desta poesia, conquan to este assunto tenha sido já motivo de aturada discussão e origem das mais diversas opiniões melhor ou pior fundamentadas. Nós não queremos, apesar disso, deixar de dar o nosso modesto parecer a este respeito. Mas vamos ao que importa.

A dita crítica começa por considerar falta grave a ausência de rima que se nota frequentemente nos poemas chamados modernistas. Claro que isto pode ser uma questão de gostos, mas não está certo que se critiquem os outros por não fazerem as coisas exactamente como desejamos. Se aquele crítico não concebe que possa haver poesia sem essa correspondência de sons no final dos versos, muita gente há, e alguma de muito valor, que considera essa correspondência de interesse secundário e até a coloca no rol das coisas que são para desprezar. Até porque a falta de rima não é uma invenção moderna, pois que o verso branco tem sido cultivado através de todos os tempos e com particular preferência no século do arcadismo. Mas o motivo histórico não é todavia o mais forte. Os adversários da rima insurgem-se principalmente contra a espécie de ladainha em que esta parece converter os versos, contra a forma feita e preconcebida que obriga a ideia a submeter-se àquela, que obriga o verso a ter artifícios que lhe tiram a espontaneidade poética. Mas o que se diz quanto à rima, diz-se quanto a toda a estrutura do verso, à acentuação e ao número de sílabas, e também quanto ao número de versos do poema.

As redondilhas maior e menor, os versos heróicos, os alexandrinos, tudo isso passou à história para os cultores da moderna poesia, digamos antes, da poesia modernista. O soneto, a ode, a canção, são formas que aquiriram em tempos os poemas e que hoje já não o conseguem. A poesia quer expandir, a poesia quer evoluir, quer quebrar as algemas que a prendem. O poeta modernista quer que os versos sejam a expressão fiel dos seus sentimentos, das suas sensações, e não a adulteração feita aos seus rasgos poéticos pelo artificial, pelo supérfluo. Assim ele despreza a rima, o número de sílabas, enfim, a forma. Interessa, sim, a ideia, o pensamento, o sentimento. Este movimento de rebeldia é nem mais nem menos do que a expressão dum princípio humano — o princípio da liberdade. O homem, assim como quer ser livre para actuar, também o quer ser para pensar e para sentir, logo, para exprimir o pensamento e o sentimento. Isto não acontece só na poesia — acontece sim, em todos os ramos da Arte. E assim que todo um não acabar de correntes artísticas nos aparece na pintura, na escultura, na música. Impressionismo, surrealismo, cubismo, e outros ismos infundáveis, agrupam-se todos numa palavra: modernismo. É o oposto de clássico, é a reacção contra os cânones do classicismo, contra as formas feitas, contra a condução forçada do pensamento humano.

Se outrora havia um número determinado de assuntos que poderiam ser motivo de inspiração para o poeta, porque o Classicismo lhes restringia, hoje em dia esse número é infundável, tanto maior quanto mais se afasta o Poeta das regras clássicas, e o artista pode ir descobrir as musas nas coisas que nos parecem por elas mais abandonadas.

Mas vamos dar razão, em parte, à crítica que lemos.

Infelizmente, a poesia modernista, e não só a poesia como toda a Arte abrangida por esta corrente, presta-se em grande medida à mistificação. Nem sempre se sabe ou se consegue descobrir o valor exacto desses poemas. É o caso da arte de Picasso ou de Salvador Dali, por uns combatida e por outros extraordinariamente apreciada. A liberdade demasiada dá, por vezes, origem a disparates que nos pretendem impor como obras-primas, sucedendo outras vezes também que obras primas nos parecem destituídas de valor.

Agora, em conclusão, nós vamos ficar numa posição intermédia, seguindo o in medio virtus dos latinos, para contentar gregos e troianos, que nos parece a solução mais adequada para o problema.

Se é certo que as formas pré-estabelecidas, as leis rígidas e imprescritíveis tornam a poesia um pouco artificial, submetem o pensamento, também é certo que lhe dão determinado ritmo, e foi para isso que elas se criaram. Mas a poesia modernista pretende substituir as regras fixas pela sucessão harmoniosa de palavras, que dará ao poema o ritmo necessário. Logo, não devemos votar ao ostracismo qualquer destes géneros de poesia: clássico e modernista; eles são perfeitamente válidos e devemos procurar penetrar no seio de cada um para descobrirmos o seu real valor.

É evidente que a poesia Camoniana tem um valor extraordinário; é evidente que Soares de Passos e Antero do Quental são grandes poetas; mas, e aí vem o mas, também grande número de poemas de José Régio e de Miguel Torga não deixam de ter um valor invulgar, conquanto se afastem muito dos moldes clássicos. A leitura dos Poemas de Deus e do Diabo ou de O Outro livro de Job oferece-nos algo de grande em matéria de poesia e transmite-nos impressões grandiosas, que culminam nesse genial Cântico Negro do livro de José Régio.

E vejamos que este tipo de poesia não nasceu de um momento para outro, não apareceu por obra e graça de um só poeta ou duma só corrente literária. Ele é o resultado de uma longa, morosa evolução. Entre Camões e Garrett há uma grande diferença, tanto quanto à forma como quanto à ideologia. Veja-se a modificação, a evolução da poesia, entre os sonetos, as canções, as odes, de Camões, e as Folhas Caídas do nosso grande romântico. A diferença ainda se torna mais flagrante entre a poesia Garrettiana e a de Junqueiro, o formidável génio de Os Simples, de A Pátria, e de tantas outras obras. Não querendo estabelecer confronto entre estes três vates lusitanos, eles servem para documentar essa evolução da poesia.

Enfim, como não há rosa sem espinhos, segundo diz um provérbio alemão, nós podemos apontar os defeitos que quizermos à poesia clássica ou à modernista, mas não devemos deixar de pôr cada uma no seu lugar e de lhes reconhecer o seu próprio e legítimo valor.

Lisboa, Outubro de 1956.

João Pires Louzeiro

Aos nossos colaboradores

PRISMA não tem Quadro de Colaboradores. Nem terá... Todos podem colaborar nesta página literária, que tem apenas como ideal: servir a cultura pela expansão da cultura.

Os nossos colaboradores devem observar os seguintes requisitos:

- 1) Os originais devem ser enviados, sempre que possível, em duplicado e dactilografados.
- 2) E isentos de gralhas de máquina e de faltas ortográficas.
- 3) Pedimos que sublinhem, nos seus originais, os nomes de livros, jornais, autores, peças de teatro, filmes, etc., o que corresponde em tipo de imprensa, ao itálico.
- 4) O organizador de PRISMA reserva-se o direito de burlar certas passagens dos originais enviados que considere de absoluta necessidade.
- 5) Toda a colaboração deve ser enviada para o seu Organizador: Casimiro de Brito, Rua do Bocage, 140 — Faro.

E amigos vamos todos colaborar no PRISMA, página literária de «A Voz de Loulé», ao serviço da Cultura Nacional, de boa vontade.

POEMA

Meu luar de rosto verde
ante-manhã do rasgar da névoa
fenderás a gritos de espada
o mundo-reino de toda a treva.
Meu leve deslizar de dedos
na curva iris dos lagos frios
nascerás infinitos
invisíveis rios.
Só assim a noite será fecundada
e trará rosas no vicejar.
A guerra, luz na frente,
o amor a despontar.

1956

ORLANDO NEVES

Poente de Inverno

E' quase noite, já. A ria toda
Empasta-se de cinza e de friagem;
Há um ventinho mau, roda que roda,
Bailando no negre da paisagem

Nascem luzinhas débeis; lentamente,
Sobe até nós o éco da Cidade.
Lá muito ao longe o mar parece quente
Esbraseado em rôxa claridade.

Morre no ar gelado um curto dia
Deixando a esboçar-se, numa prece,
Silêncio, alheamento e nostalgia.

A pouco e pouco a luz desaparece...
A noite vem e amortalha tudo:
— O Mundo adormeceu e ficou mudo.

(Santo António do Alto—N.º 1 de 55)

Rocheta Cassiano

DESÂNIMO

Garde fria lá fora. Garde baça,
melancólica, triste, sonolenta.
Não sei que tristeza ogo me trespassa
e dentro de mim tão muda se lamenta.

Olho a rua deserta e pardacenta
onde um sopro de vida não perpassa.
Só o vento, num tom que me alormenta,
me vem riscar silêncios na vidraça

ê aqui ao canto, só, onde os papéis
me parecem fitar como duendes—
—duendes brancos, mudos e cruéis—

penso no vão valor das minhas preces:
—Passas por mim, ó Sonho, e não me entendes,
passas ao largo e não me conheces!

Domingos Janeiro

O poema da guerra

Ao Manuel Capaco Guerreiro

Não,
não mais cantos de dor, nos vitrais da catedral,
nem dulcíssimos sorrisos para a Vida...

Não,
porque os anjos agora, azuis e tristes,
verdes e cansados,
só cantam salmos,
que fogem para o céu, para o seio de Deus,
Fogem da pura nudez do vidro,
e para as aquarelas a vez é derradeira
de mostrarem o seu brilho, e cor, e suavidade,
ao mundo que corre e se atropela,
porque a Guerra o persegue sangrenta,
cega, furiosa...

Olhai!
Já em fogo e música, os sinos da catedral
cantam a canção última:
a canção do fogo e da guerra,
a canção do fim
e dos pés que correm na rua,
sombrios e descalços, perdidos...
a canção do velho cego sem pau nem cão,
encostado à parede... já debaixo dela... agora sem vida.
e os sinos cantam: cantam e choram sempre:
eis a canção da nua prostituta
que corre também na multidão
e a canção, ai e a triste canção,
dos que ficam moribundos
e rosnam pragas aos que partem,
aos que partem em busca dum mundo de Ilusões,
mas que existe, porque a Guerra,
não mata a raiz da Esperança...

Mais sangue e mais lama: mais fel, mais lágrimas,
mais abrolhos, mais ais, mais tudo, mais nada...
e os passos que passam para não voltar,
e a noite que passa para não voltar,
e a alegria que passa para não voltar,
e o resto que passa para não voltar...

A guerra!... Eis a guerra! Imagens de ferro e fogo,
a catedral a ruir, e lá dentro,
um mundo de gente alucinada, um sonho, uma prece,
a fugir para o céu,
fazendo do fogo a derradeira escada...

Casimiro de Brito

FILMES

A fúria de viver

de Nicholas Ray

PELOS problemas que equacionam, pelos seus propósitos de actualidade e de honestidade, enfim, pela sua riqueza de valores, filmes há que não basta, não pode bastar, ver uma só vez.

«A Fúria de Viver» — *Rebel with a cause* — é um desses filmes necessários, um desses documentos muito sérios e muito da nossa época que nos ajudam essencialmente em vez de nos diluirmos (à Hitchcock, por exemplo). Os jovens na sociedade — eis o tema. Os jovens, com os seus complexos e aspirações, nas relações com a família e entre si, e da atitude deles para com as normas estabelecidas e vice-versa.

A acção está localizada numa cidade americana da província e pode julgar-se que é um caso típico americano, consequência das condições de vida do povo americano.

Em parte é típico.

O cenário é americano...

O resto, Jimmy, Judy, Platão, Buzz, pais como aqueles pais, professores como aqueles professores e reacções como aquelas conhecemos nós em todo o lado. Isto importa imenso considerar. Em todo o lado — cá incluído.

Os pais normalmente não compreendem os filhos (a compreensão é anormalidade), que aspiram sempre a outra coisa melhor, que são uns revoltados (ainda que não se manifestem violentamente — revolta interior, psicológica), uns revoltados sem causa, como se diz no título do filme, aparentemente sem causa — ela é a mesma da revolta de Jean Christofe — a descoberta de todo o nau-seabundo que existe (e permanece...) no mundo e nos homens, contra o que esses jovens reagem, procurando um apoio entre si, e tomando atitudes diferentes, conforme as circunstâncias e o temperamento de cada um.

Não vou mais além.

Pretendo apenas dizer mais que Nicholas Ray é um realizador muito inteligente, James Dean um actor genial, enfim que *A Fúria de Viver* é um dos filmes de que necessitamos, e ainda tremendamente poético como disse o Raul de Carvalho.

Lisboa, Nov, 56

Agostinho de Castro

Livros e Autores

Sete noites de mãos dadas

Poemas de Antero do Amaral

TEMOS de facto, aqui, um livro de versos. Não totalmente! — Um bom livro é coragem entre as gentes! mas, em qualquer dos casos, uma obra que representa algo de coragem.

O que é um livro? Ora, o que é um livro! Um conjunto de folhas, sempre. Um conjunto de folhas e de ideias, às vezes. Ideias não são palavras, nem tão pouco versos. E o conjunto não se adquire colecionando palavras e versos, versos e palavras.

Neste livro, *Sete Noites de Mãos Dadas*, existem palavras e ideias, versos e palavras, ideias e versos. Na poesia deve lutar-se para que as palavras desapareçam, percam o valor vulgar, se espiritualizem. Deve criar-se poesia com palavras que sejam imperceptíveis como palavras. Eis o que Antero do Amaral consegue nalguns casos. /Não de protesto contra os reis/. Que usam anéis/. Enormes como «penedos»/... /... bem melhor seria que eles usassem/. Almas nos dedos!/. Porém, noutros casos, e talvez na maioria dos casos, são as palavras e só as palavras que nos saltam aos olhos, na sua poesia.

Só se cria verdadeiramente, pela selecção imparcial e cuidadosa. Apreciamos em Antero do Amaral, a sua sinceridade: E eu, que sei dos meus sarilhos/ Gostava de ter ideias/ Como ela já teve filhos/. Mas nas poesias «Profissão». «E logo ser ela», «Sugestão». «Palavras do meu corpo» e muitas outras, há mais, bastante mais do que sinceridade e desejo de poetar. Há poesia com poesia. Precisamente quando o poeta se preocupa menos com as palavras a empregar. Precisamente quando o poeta deixa a caneta deslizar livremente no papel, sem entraves de qualquer espécie (o caso da pobreza de alguns sonetos).

Eis a poesia «Sugestão»:

«Estou triste,
Alquebrado,
Enfermo
Mas não me ofereçam remédios
Nem me receitem a calma
Da tão bela vida rústica
— Façam-me uma transfusão
De música!»

ou então esta pequena jóia, quase perdida, que nos despertou a atenção, pela espontaneidade e singeleza:

Eu quero ser marinheiro
Por muitos e muitos meses
Nuns olhos que, por chorarem,
Sejam o mar duas vezes!

que, a contrastar com estoutra, convence-nos que são dois Anteros do Amaral, o poeta que agora lemos:

«Andar correndo p'lo Mundo,
P'lo Mundo além,
É muito fácil.
— Difícil é estar parado
Ao pé dum Bem!

Não restam dúvidas que este Bem e aquele Além se subordinam. E na poesia, as subordinadas não são de tolerar. Nada de panaceias no caminho da poesia...

Enfim, para resumir estamos francamente convencidos de que Antero do Amaral encontrará o que parece procurar neste seu livro. Um caminho próprio, pessoalíssimo, original. Mas deve procurar o por si só, sem se importar, de modo nenhum, com as influências exteriores que parecem pulular na sua obra.

Estamos plenamente convencidos que Antero do Amaral, tem muito para nos dizer, e que nos dirá num próximo livro, se empregar um espírito selectivo mais eficiente como ponto de partida.

Casimiro de Brito

RECORTES

DA POESIA

«A obra escrita de um poeta não é uma série descontinua de textos isolados, tendo cada um deles um começo e um fim em si, mas deve ser concebida como o fluxo continuo duma série em evolução.»

«A vida dos nossos dias, para o poeta, chama-se renovação. Com tudo o que isso comporta de acção, de fé, de adesão às necessidades imediatas dos homens — tais como eles se tornam, como lutam, como vivem e como amam. É o carácter construtivo desta posição que, por si só, pode assegurar ao livre desenvolvimento da poesia um curso natural em que a imaginação e o sonho possam unir de novo a acção e a renovação sobre o plano concreto da luta para a libertação do homem.

TRISTAN TEARA

(do ensaio «A Dialéctica da Poesia»)

A propósito de Poesia

(Continuação da 1.ª página)

vra Estética corresponde a um conceito e não é uma palavra vazia de sentido. Portanto, para que tudo isto possa ser assim, é necessário que haja em matéria de gosto, não o caos e a desordem que resultariam da diversidade de apreciações particulares, mas sim um consensus, algo de comum em suas linhas gerais capaz de orientar e estabelecer um critério. Esse algo de comum são determinados elementos objectivos do mundo exterior que estão para a categoria Qualidade na mesma relação que os valores numéricos estão para a categoria Quantidade. Trata-se de puros dados sensoriais.

Assim, ninguém hesita em classificar a seda e o veludo como cousas mais belas que o algodão ou o cotim — pelo menos a maioria assim os classificaria. Ninguém hesita em classificar a cor branca — permitam-me que lhes chame cores — mais alegre do que a negra. A razão deste facto é simples: a seda e o veludo fornecem uma impressão tátil e visual mais agradável que o algodão ou o cotim; o branco encerra todas as cores reflectindo o máximo de luz, enquanto o negro é ausência de cor com o mínimo de reflexão luminosa o que logo estabelece uma diferença de agrado entre uma cousa e outra. A Arte faz-se para agradar e quando o homem das cavernas desenhou o seu mamute, procedeu assim porque isso lhe dava prazer. O artista ao criar a sua obra, goza, mesmo quando sofre. Assim o escrevi no meu livro «Cartas do Extremo Oriente»: «...aquela impressão de voluptuosidade amarga que experimento às vezes, perante o que é tocado de Beleza...» E ainda isto: «o verdadeiro espírito de artista é aquele que tem a faculdade de sofrer perante um espectáculo de Beleza, mas o carácter estético deste sofrimento distingue o bem das emoções vulgares...»

O critério de julgamento funda-se portanto — em minha opinião — em dados sensoriais correspondentes a determinados elementos objectivos do mundo exterior que, sendo-nos presentes, podem provocar sensação de agrado ou desagrado. Note-se que, no que acabo de dizer, não estou ainda a considerar a obra de arte, a criação artística, mas sim a própria Natureza com toda a sua diversidade de objectos.

Mas há ainda outros elementos além dos que indiquei, capazes de influírem no nosso gosto, capazes de causar as mesmas sensações e impres-

sões de agrado ou desagrado. Um deles é-nos dado pela experiência dum lei universal: a gravidade. Assim, qualquer objecto colocado em posição instável deixa nos uma impressão de intranquilidade e quebra a ordem a que, pela experiência, estamos habituados. Um momento de reflexão basta para nos fazer perceber que as noções de Equilíbrio e Simetria não resultam doutra cousa senão deste mesmo facto. Assim nasce e se desenvolve um conceito de Estética que irá condicionar a criação artística a determinadas regras e padrões que dizem respeito à harmonia da Forma e no qual têm lugar — todas derivadas da mesma origem: gravidade — as considerações sobre Equilíbrio, Simetria e Proporções. Isto, quanto ao aspecto estático. Porém, no aspecto dinâmico, isto é, logo que as formas passam a movimentar-se, surge, pelas mesmas razões de agrado ou desagrado, um novo elemento que dá origem ao conceito de Ritmo.

Consideremos agora, não a Natureza mas a obra criada pelo artista, e vejamos quais os elementos objectivos capazes de influir no critério de apreciação dessa mesma obra.

Será isto dito no próximo número. Que o leitor desculpe uma vez mais, o arrazoado, que não fui buscar a compêndio algum mas apenas ao meu entendimento. O que escrevi quanto à génese da concepção artística continua pois a ser apenas opinião pessoal. Pretendo por enquanto mostrar que, se não há possibilidade de prova matemática em questões de Arte, nem por isso deixa de haver um critério de classificação que não é outra cousa senão raciocínio. Quem afirmar que em assuntos de Arte não há Lógica que nos explique depois como isso é possível. O nosso interesse é aprender.

A. Santa Clara

(CONTINUA)

Despedida

José Ricardo de Sousa Ferreira, na impossibilidade de se despedir pessoalmente de todas as pessoas amigas e conhecidas, vem por este meio apresentar os seus cumprimentos por motivo da sua partida para a Província de Moçambique, que terá lugar entre 18 e 21 do corrente.

para a parteira; na outra mão trazia um embrulho donde saíu um enxoval para a criança, acompanhado de algumas peças para seu uso, nomeadamente umas lindas meias, brancas; e debaixo do braço tinha ainda uma caixa com a corozinha e capa, e a carapucinha aguçada e adornada de vistosos filamentos de seda preta. Soavam alegremente de todos os lados os «Salve-o Deus!» e mal lhe ficava tempo para pôr um dos seus fardos e corresponder com amizade às mãos que se estendiam para si. De todos os lados se erguiam dedos solícitos para pegar nos volumes, e no quadrado da porta estava uma rapariga nova, portanto ainda mais cumprimentos outra vez, até que a parteira perguntou dentro da sala de jantar: «Não será melhor virem discutir aqui para dentro, quais os usos e costumes?»

E com maneiras delicadas a parteira foi sentando a madrinha à mesa; depois veio a rapariga nova com o café, mas a madrinha é que teve de recusar: «Que não! Que não podia! Que já tinha tomado. Nem sua tia consentiria que saísse de casa sem nada no estômago; faz muito mal à gente nova, dizia ela. Mas a tia era durazina e por causa de isso mesmo é que tinha chegado tão tarde, e porque as suas criadas não estiveram para se levantar a horas; se tudo dependesse apenas dela, já ali estaria há muito tempo. No café foi vertido um espesso leite, e por mais que a madrinha se opusesse e dissesse que não gostava daquilo, a rapariga foi-lhe deitando um torrão de açúcar. Também não quis consentir durante um bom bocado que a rósca fosse encetada por sua causa, mas entretanto não pôde obstar a que lhe pusessem um bom naco à sua frente, que teve de comer. Queijo não queria, nem ve-lo, aliás nem lhe sentia a falta. «Se calhar julga que é pouco gostoso e é por isso que o não quer provar!» dizia a dona da casa, e a madrinha tinha

Deliberações da Casa do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

nal da Colectividade para se ocupar do assunto e de outros problemas de interesse geral da província;

b) Promover a distribuição do terceiro trabalho — «Portimão» — da colecção «Estudos Algarvios», e felicitar o seu autor, Sr. Joaquim António Nunes, pela excelente apresentação do mesmo;

c) Louvar o grupo de Protectoras Assistentes da Secção de Beneficência, pelo bom resultado dos seus esforços na distribuição do Auxílio do Natal, e os consócios Srs. Daniel Reis e Martins Ferreira, pelos especiais serviços prestados à agremiação, respectivamente, na organização e distribuição do dito Auxílio e na preparação das festas da passagem do ano;

d) Agradecer à pintora algarvia, D. Maria Alexandrina Chaves Berger, a oferta à Casa do Algarve do valioso quadro a óleo «Rocha desmornada» — Lagos», como recordação da sua exposição, realizada de 7 a 17 do mês findo, no S. N. L., sob o patrocínio da Colectividade, e aos sócios beneméritos, Srs. A. Libânio Correia e Dr. Humberto Pacheco, nas suas importantes ofertas de livros e publicações diversas;

e) Dar todo o aplauso à realização, em 17 do mês próximo, de um banquete de homenagem ao engenheiro-geógrafo e prestigioso cientista, Dr. José António Madeira, promovido por uma comissão de que fazem parte a Sr.ª Eng.ª D. Joaquina Marques Alves da Silva, e os Srs. Dr. Humberto Pacheco, Eng.º Orlando Vieira Rodrigues, Major Mateus Moreno, Eng.º Manuel Fonseca Alexandre e Eng.º José Baptista Lopes.

O amor à terra

«A tempos um rico comerciante da capital de villegiatura pelo campo, descobriu uma interessante fazenda, que parecia muito próspera e em sítio bastante aprazível.

Diligiu-se ao respectivo dono que estava sentado à porta e foi perguntando se este não estaria disposto a vendê-la porque lhe interessava para ali passar as férias e não para cultivá-la.

— De facto estavam pensando em vendê-la, porque já somos idosos e não podemos mais cultivá-la como ela merece. Há quarenta anos que aqui trabalhamos, mas nunca a venderia ao senhor!

— Ora essa, pois porque não?

— Eu sei que a minha explicação não lhe agrada. Mas vender um mimmo destes, ao senhor que declara não querer cultivá-la, não será o mesmo que vender um rebanho de gado de raça para o matadouro?

Apropósitos

(Continuação da 1.ª página)

ca esta virtuosa declaração: não sei. Na realidade, os atacados deste complexo de superioridade de tudo bem, sobre tudo e acerca de todas as coisas opinam e decidem. Chego a convencer-me, ouvindo-os, de que, na verdade, o estudar constantemente não me tem trazido grande proveito, porque quanto mais leio e mais estudo, mais consciente me torno de que não sei nada. Ao passo que eles, meu Deus, são uns poucos sen fundo de saber. E é que filam de tudo com igual abundância; de futebol e de poesia, de livros e de jornais, disto, daquilo e de tudo. E sempre com sintomática frequência nos atiram com eu faço, eu conto. Eu, eu.

Poderão dizer-me os sábios em caracterologia que isso é característico de determinação do tipo de temperamento. E' certo. Mas, como não dão por isso, a gente tem que os aturar. Ai de nós! E, todavia, há exemplos, raros, dos que conseguem corrigir-se, ou, pelo menos, atenuar o excesso de afirmação da sua personalidade superior. Talvez nos pareçam, depois, uns falsos modestos, mas creio bem que será menos difícil de aguentar um falso modesto do que um atacado do complexo de superioridade.

Responsabilidade — Com a decisão em bua hora tomada, de se promover a semanário, depois de quatro anos de estagnação na categoria de quinzenário, tomou «A Voz de Loulé» uma responsabilidade maior nesta glória fileira da imprensa regionalista, a pequena grande imortalidade desta nossa terra. A promoção rejuveneceu o jornal e não há dúvida de que tem condições para agradar e se manter na dura caminhada que tem pela frente. Acredito, pois, no futuro desta decisão. Sempre me pareceu que o que realmente vale a pena é o que é difícil. E de há muito estou convencido de que não existe melhor tónico do que o esforço persistente necessário para levar a cabo um empreendimento difícil. Ora manter um semanário não é tarefa fácil. Mas, uma vez que se lançaram nessa empresa é porque os animadores do jornal sentiram que valia a pena fazer o difícil. Para a frente é que é o caminho.

Joaquim Magalhães

A Voz das Freguesias

AMEIXIAL Boliqueime

Completo há pouco mais de um mês, 1 anos de existência, o jornal «A Voz de Loulé».

Foram quatro anos de trabalho, e cuidados, em prol do seu Loulé, do seu concelho, e do seu Algarve.

Graças ao grande prestígio, de que gozam o seu Director, e o seu proprietário, e à sábia orientação, que desde o seu primeiro número tem dado ao jornal, vêm coroados de êxito, os seus esforços, e aumentar o número dos seus assinantes, e dos seus leitores, e por isso ao entrar no quinto ano da sua publicação, propõem-se, corajosamente, a publicá-lo, semanalmente, já que assim o desejam, o seu elevado número de assinantes e de leitores.

Muito alegre este facto, e tanto assim é, que numa pequena notícia, publicada no primeiro número deste jornal, manifestei o desejo de que o jornal passasse, dentro de pouco tempo, a visitar-nos, mas amudadas vezes.

Apezar de ser o mais modesto dos seus correspondentes, não deixo de registar, este facto com imensa alegria, e daqui felicito, o seu ilustre Director, e proprietário, e todos quantos trabalham na casa de «A Voz de Loulé», desejando ao jornal uma vida longa, e desafogada.

Enquanto no país e estrangeiro aumenta o número de assinantes de «A Voz de Loulé», aqui (digo-o com mágoa) diminuem.

E' aqui o Ameixial, é sem dúvida, a terra onde menos se lê: Se a título de curiosidade, alguém visitar as casas comerciais, ou industriais, nesta localidade, não lhe será tarefa fácil encontrar um jornal, e se por acaso, aparece algum em qualquer dessas casas, passados momentos encontrará as suas páginas espalhadas, e possivelmente espezinhadas, por toda a casa.

Em compensação, encontram-se em algumas dessas casas, os mais variados jogos, onde os pais e filhos menores gastam o tempo e o pouco dinheiro que possuem. Tudo isto revela a pouca importância, atribuída à leitura dos jornais, ou mesmo dos livros.

8/1957

Augusto Teixeira

Miradouro da Picota (S. Sebastião)

No Parragil — Fala-se novamente, e com insistência, na construção do troço de estrada que ligará à Picota, e que muito beneficiaria os habitantes do Parragil, Gilvrazino, Boa-Hora, Picota, etc;

Espera-se que assim obtenha novo incremento a ideia da construção da Pousada no Miradouro da Picota.

O traçado da estrada passa pelo local e permitiria um acesso fácil ao ponto do nosso concelho onde se avista um lindo panorama do Algarve, de uma beleza incomparável, que não deixaria de atrair os turistas, criando novas fontes de riqueza para a região e de renome para Loulé.

O povo deste populoso recanto do nosso concelho deseja ardentemente a abertura de uma estrada que continue a do Palmeiral até ao Parragil.

São apenas 1,300 metros e espera-se da visão esclarecida de quem preside à nossa Câmara, um bom acolhimento a este projecto, cuja execução eliminaria muitas dificuldades para os habitantes desta região.

— No dia 1 do corrente realizou-se na Igreja paroquial desta freguesia o casamento da menina Odete Alves Correia, filha da Sr.ª D. Maria do Carmo Alves Correia e do Sr. António Correia, residentes no sítio dos Agostos, com o Sr. José Ferreira Araújo, sobrinho do pároco desta freguesia, rev.º Vicente Alves Araújo.

Apadrinharam o acto por parte da noiva a menina Maria Antónia Alves Ferreira e o Sr. Zelterino Alves, primos da noiva, e por parte do noivo a Sr.ª D. Alexandrina Alves e o Sr. Manuel Alves Araújo.

Ao jovem casal e família os nossos parabéns e desejos de maiores felicidades.

— Habitam nesta povoação certas pessoas que, por uma questão de comodismo [?!?!] pouco compreensível e absolutamente nada admissível, usam a via pública para os seus despejos íntimos.

Ora este uso [os vizinhos classificam-no de abuso...], cria um problema de extrema gravidade, pondo em perigo a saúde de toda a população, pois directa ou indirectamente todos sofrem os ataques virulentos das moscas e dos «cheirinhos» provenientes de tais despejos.

Fazendo-nos eco desta justa reclamação, ousamos esperar que estas linhas despertem afinal o civismo e compreensão suficientes para acabar com tão triste estado de coisas... sem ser necessário apelar para as autoridades competentes.

Quarteira

A extraordinária amenidade deste inverno tem permitido que os pescadores continuem a sua faina numa época em que geralmente são forçados pelas intempéries a abandonar o seu ganha pão.

Isto explica certamente a satisfação que aqui reina e se nota não só na classe piscatória como também na restante população desta laboriosa freguesia, que da produtiva actividade daquela auferem directos benefícios.

«A Voz de Loulé» é grato poder informar, como complemento desta notícia, que, em relação a outros centros piscatórios semelhantes, — a frota de pesca de Quarteira é das maiores e mais bem apetrechadas, sendo de especial referencia o facto de quase todos os pescadores terem barcos seus e possuírem actualmente casas suas em substituição da pobre cabana de colmo que ainda há bem pouco tempo aqui imperavam.

AVISO

A Sociedade Columbófila de Loulé, avisa todas as pessoas que tenham pombos correios anilhados ou não, em seus pombais, e que não estejam filiados nesta colectividade, que o façam até 31 do corrente mês de Janeiro.

A falta de cumprimento incorre na multa que vai de 200\$00 a 1.000\$00, conforme Art.ºs 4.º e 21.º do Decreto-Lei n.º 36.767.

A Bem da Columbófila

A Direcção

Visado pela Comissão de Censura

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 3

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do alemão por E. Rocha Gomes

de render-se «coscorões. Nem por sombras! onde havia de arranjar espaço?» tornava esta. «É porque lá entende que não são limpos, e está acostumada a coisa melhor!» comentou-se com adorável ressentimento. Que havia ela de fazer agora, se não comer coscorões? Durante estes diferentes apertos, tinha esvaziado comedidamente e a pequenos golos o primeiro Qacheli, e por causa disso levantou-se uma discussão especial. A madrinha virou o copo do Qacheli ao contrário: «não tenho mais lugar nenhum para boas acções» dizia ela; e acrescentava: «Quero que me deixem em paz, senão obrigam-me a fazer ainda alguma jurar».

A dona da casa lamentava-se e dizia que tinha muita pena que ela o achasse tão mau, mas bem se fartou de recomendar à parteira que não lhe faltasse com ingrediente nenhum; não, não se podia conformar que estivesse tão ruim que ninguém o quisesse beber. O creme também fez a sua aparição com louvainhas; tinha sido preparado como não é costume aparecer todos os dias. Que havia agora a pobre madrinha de fazer, senão deixar servi-la de mais Qacheli?

Cheia de impaciência, há muito que a parteira sapateava ali em volta e, dando largas ao seu desespero, soltou a língua:

«Se quiseses que eu te ajude, é só dizeres, pois ainda tenho bastante tempo de sobra».

«Ora, Ora, lá vens tu com as tuas pressas»; disse a dona da casa num tom de leve censura. A pobre madrinha porém percebeu a alusão, desembaraçou-se do café quente o mais depressa que pôde, e disse entre as interrupções a que a obrigava a fumegante bebida: «Eu já estaria há muito a caminho, se não me obrigassem a aceitar mais que aquilo que eu posso deitar para baixo, mas agora sempre vou». Depois levantou-se, desatou o saco, entregou a rosca, o vestido e uma moeda de prata reluzente, juntamente com uma recordação do dia do baptizado artisticamente pintada, e pediu muita desculpa por aquilo ser tão insignificante. Neste ponto interveio a dona da casa com repetidos protestos; se tinha jeito, para que se foi gastar tanto dinheiro, se não fosse por coisas, não aceitava, e se soubesse antes que a madrinha era assim, nem sequer lhe tinha falado.

Agora também a rapariga nova meteu mãos à obra, ajudada pela parteira e pela dona da casa, e todos à compita fizeram o que se pôde, para apresentar uma vistosa madrinha, desde os bicos dos sapatos até à preciosa górra de bico. A coisa levou seu tempo, não obstante a impaciência da parteira; mas havia sempre qualquer coisa que a madrinha não achava bem, ora isto ora aquilo que não estava no seu verdadeiro lugar. Nesta altura entrou a avó dizendo: «Ora deixem-me ver a lindinha da nossa madrinha.» Entretanto foi avisando que já tinha soado o segundo sinal, e que os dois padrinhos (1) já lá estavam na sala de fora. Efectivamente lá se encontravam os dois, um já maduro e o outro ainda novo, desprezando aquele café moderno que poderiam to-

(1)—Mencionam realmente dois no original alemão.—Nota do T.

AMADORES e PROFISSIONAIS FOTOGRAFICOS

A "VOZ DE LOULÉ" prepara-vos
uma agradável surpresa
Atenção ao próximo número

A Voz de Loulé

Monumento ao Dr. Bernardo Lopes

Realizou-se há dias mais uma reunião da Comissão Executiva do Monumento em memória do ilustre e saudoso Dr. José Bernardo Lopes. Foram tratados alguns problemas importantes com vista a concretizar num futuro próximo tão louvável iniciativa.

A Comissão está esperançada no decidido apoio de todas as pessoas que queiram cooperar numa das mais expressivas manifestações de gratidão dos louletanos, que assim demonstrarão mais uma vez que sempre primaram pelo seu espírito de justiça a todos aqueles que pela sua vida elevada se tornaram credores da sua estima e gratidão.

E' nos gratos registar mais os seguintes donativos ultimamente recebidos:

Transporte	23.058\$00
Manuel Pereira—Barranco do Velho	100\$00
José Fernandes Carrusca — Loulé	20\$00
Humberto Aleixo Carrusca — Loulé	20\$00
António Dias—Venezuela	1.042\$00
	24.240\$00

Igualmente registamos com satisfação a importante contribuição do nosso conterrâneo residente na Venezuela, sr. António Dias e a altruística iniciativa da nossa conterrânea sr. D. Raquel Correia Baptista da Conceição, que de Lourenço Marques, nos enviou 500\$00, obtidos entre pessoas suas conhecidas residentes naquela cidade e cujos nomes a seguir publicamos:

António de Sousa Dias — Loulé	50\$00
João Correia Abrão — Faro	50\$00
Raquel Correia Baptista da Conceição — Loulé	50\$00
Luisa C. Baptista da Conceição — Loulé	50\$00
Adelina Castilha — Faro	10\$00
Maria J. Cachola — Faro	10\$00
Nuno Alvares Marçal de Almeida Ribeiro—Loulé	10\$00
Maria Manuela Marçal de A. Ribeiro — Loulé	70\$00
Maria dos Prazeres Reis Faro	50\$00
Alexandre Luis dos Santos — Loulé	50\$00
António Palheira — Alte	50\$00
João Mendes Marques — Loulé	10\$00
Albino Guerreiro Correia — Loulé	20\$00
Francisco Guerreiro Coxo — Faro	20\$00
A transportar	24.740\$00

Cartaz da Semana Cine-Teatro Louletano

Filmes a exhibir durante esta semana :
Dia 20 — «A Casa da Praia»
Dia 21 — «Escola de Vagabundos»
Dia 24 — «O Monte dos Vendavais».

BAILES

No próximo dia 27 do corrente realiza-se na Sociedade Recreativa Artística Louletana um baile que será abrilhantado pelo Conjunto «Os Alegres», pelo que é de esperar grande animação.

Farmácias de serviço

Durante esta semana, estão de serviço permanente:
Dias 18-23 — Farmácia — Pinto
19-24 — — — Madeira
20-25 — — — Santos
21-26 — — — Confinça
22-27 — — — Pinheiro

VENDE-SE

UMA CASA com frente para a Avenida Marçal Pacheco e Rua Eng. Duarte Pacheco, com 6 divisões e armazém.

Tratar com José Aguiar Pereira — LOULÉ.

Trespassa-se

Um estabelecimento de Mercadorias, na Rua Serpa Pinto, 27 e 29, em Loulé

Quem pretender dirigir-se à morada indicada

MOLEIRO

Precisa-se, que saiba trabalhar trigo em moinho de vento

Na freguesia de Alte, sitio do Azinhal.

Quem estiver interessado dirija-se a João Ramos — Rocha da Pena Salir.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos em Janeiro:
Em 11, a menina Maria Gabriela Mota Duarte.
Em 12, a menina Maria Madalena Victorino Coelho.
Em 15, o sr. João Aleixo Cebola, residente em Cacilhas.
Em 17, os srs. José Manuel Ferreira e Manuel Sérgio Viegas Gago e a menina Maria Sofia Pacheco Magalhães Pinheiro, residente em Faro.
Em 18, a sr. D. Maria Serafim Campina, residente na Venezuela e a menina Maria Gabriela Avila Costa.
Em 19, o sr. Francisco de Sousa Lopes, a sr. D. Maria Luisa Dias e o menino Victor Manuel da Costa Carriho, residente em Faro.
Em 20, a menina Maria do Rosário Gonçalves Rocheta.
Em 21, a menina Maria Inês Teixeira Farrajota Cavaco.
Dia 25, a sr. D. Maria de Lourdes Duarte Barros.
Em 26, a menina Valentina Domingos Garcia.

Baptismo

No passado dia 1 de Janeiro recebeu o sacramento do baptismo na Igreja Matriz desta vila a menina Maria Manuela Casanova e Sousa, filha do nosso prezado assinante em Setúbal sr. Manuel de Sousa e da nossa conterrânea sr. D. Maria Rogélia de Sousa Casanova e Sousa.

Foram padrinhos a sr. D. Maria do Rosário de Sousa Casanova e o sr. Manuel de Sousa Casanova.

Após a cerimónia, realizou-se um copo de água em casa dos avós maternos.

Falecimentos

No dia 7 do corrente faleceu devido a queda de bicicleta o sr. Manuel Joaquim Clemente, de 39 anos de idade, comerciante, residente no sitio do Poço Geraldo, casado com D. Maria de Assunção Leal.

A's famílias enlutadas, endereçamos sentidos pêsamos.

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 101 — 20-1-1957

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANÚNCIO 1.ª publicação

No dia 11 do próximo mês de Fevereiro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, na Execução Sumária que corre pela 2.ª Secção da Secretaria do mesmo Tribunal contra Manuel dos Santos Guerreiro, solteiro, maior, comerciante, residente no sitio da Ponte da Tor, freguesia de Querença, desta comarca, será posto em praça pela primeira vez para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio apreendido áquele executado:

Prédio

Uma morada de casas, no sitio da Ponte da Tor, freguesia de Querença, desta comarca, inscrita na respectiva matriz predial sob o art.º n.º 8 e descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 31.263, a fls. 170, do Livro B-79. Vai á praça pelo valor de 648\$00.

Loulé, 14 de Janeiro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

a) Marino Barbosa Vicente
Júnior

Para um Loulé melhor

Reparos & Sugestões

AOS olhos prescutores dos louletanos amigos «de verdade» da sua terra, não tem certamente escapado, a par dos constantes melhoramentos que vêm embelezando Loulé e são o nosso legítimo orgulho, algumas «mazelas» deprimentes que por aí existem e existem e estão mesmo, mesmo, a pedir remédio urgente e radical...

Evidenciando-as neste lugar e apresentando simultaneamente simples e práticas sugestões para debelar ou pelo menos aliviar essas «mazelas» que prejudicam a nossa terra, visamos única e simplesmente contribuir para o seu embelezamento e prestígio.

...E é nossa esperança e convicção que assim o compreenderão aqueles a quem estão confiados os destinos de Loulé, dando crédito a estes despretenciosos «Reparos» e fazendo o que estiver ao seu alcance para remediar eficazmente as «mazelas» apontadas.

Começaremos por esta:

Estrumeira na via pública

—A uns escassos metros da Av. José da Costa Mealha e mesmo à beirinha da Estrada de S. Brás num recanto da primeira transversal que une estas duas artérias (qual delas a mais importante e de mais trânsito), há uma estrumeira onde, como é natural se acumulam os detritos mais nojentos, exalando um cheiro nauseabundo e apresentando um aspecto repulante, constituindo um perigo para a saúde e uma vergonha para uma vila civilizada.

—Parece-nos que uma boa limpeza pelos respectivos serviços da Câmara e um Aviso enérgico de que ali não é lugar para despejos será remédio suficiente para eliminar esta «mazela».

A sugestão aqui fica...

FUTEBOL

Tem sido notável e merece especial referência a actuação do nobre clube «Os Unidos» desde o início da presente época.

Basta dizer que, em doze jogos disputados, apenas sofreram uma derrota — contando-se os restantes por outras tantas vitórias.

Assim foi no último desafio, realizado no pretérito domingo, dia 13, no Estádio Campina, em que num jogo bem disputado, venceu o Beira Mar de Quarteira por 3-1.

Congratulamo-nos com estes feitos desportivos e aproveitamos o ensejo para informar os nossos leitores que brevemente publicaremos os resultados dum rápido e interessante inquérito entre os Clubes, jogadores e Desportistas da nossa terra...

VENDE-SE

Tres moradas de casas situadas na R. Serpa Pinto, Gil Vicente e Garcia da Horta, desta Vila.

Aceitam-se propostas. Informa-se nesta Redacção.

TRESPASSA-SE

Estabelecimento de Louças e Vidros sito na Praça da Republica, 36, em Loulé.

Tratar com o proprietário Manuel Guerreiro Fome.

LEIA!

ASSINEI
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

do Algarve... a Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

Não há dúvida que o Algarve, neste capítulo de ligações ferroviárias, é um perfeito engeitado.

E então a ligação das estações às localidades que lhe ficam distantes?

E' outro mimo de serviço!

De tempos a tempos, quando querem electrificar uma linha, nos arredores de Lisboa, ou festejar um centenário da Organização Ferroviária, dizem cá para baixo:

— Estamos a estudar a criação de uma carreira de automotoras diárias para Lisboa.

E... o estudo continua!
Pobre Algarve!
E's bem um Reino à parte!
Vives só de reminiscências e de velharias!

Por bem fazer...

Há dias o proprietário de «A Voz de Loulé» sofreu uma infecção num pé, que assumiu um feio aspecto e quase o imobilizou.

Na noite de 12 do corrente pretendeu ir pelo seu pé para casa, mas depois de estar já fora da oficina e portanto de não poder socorrer-se do telefone viu que não suportava as dores e parou para descansar. Um rapaz de bicicleta que estava próximo ofereceu-se para o levar na grelha até casa que ficava a cerca de 130 metros.

Mal tinham andado 10 metros um agente da P. V. T. da brigada móvel, que acidentalmente passava, mandou-os parar e, sem tomar em consideração a urgência da utilização da bicicleta como meio de transporte de um doente, intimou-os a comparecer no Posto local, onde autuou o ciclista em 200\$00.

Não será excesso de zelo e falta de humanidade?...

Alfarrobeiras

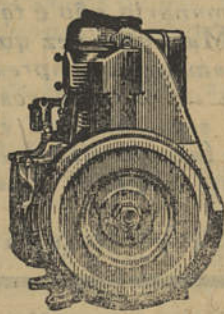
Cedem-se alfarrobeiras que sobram de viveiro. Tratar na Farmácia Pinto — LOULÉ

Motores Diesel «SENDLING»

de 2/5 H. P.

Arrefecidos por ar

A última palavra da Indústria Alemã especialmente indicados para grupos
MOTO-BOMBA



Agente geral no Algarve

José de Sousa Pedro

Rua 5 d'Outubro, 29 a 33

LOULÉ

Em qualquer dia do Ano...

O
Telefone

216

de

Loulé

Vos
poderá

ser
muito

util

CALENDÁRIO PARA 1957											
JANEIRO				FEBREIRO				MARÇO			
D	1	6	13	20	27	3	10	17	24	31	
S	2	7	14	21	28	4	11	18	25		31
T	3	8	15	22	29	5	12	19	26	5	12
Q	4	9	16	23	30	6	13	20	27	6	13
O	5	10	17	24	31	7	14	21	28	7	14
S	6	11	18	25		8	15	22	29	8	15
S	5	12	19	26		2	9	16	23	2	9
ABRIL				MAIO				JUNHO			
D	1	7	14	21	28	4	11	18	25	2	9
S	2	8	15	22	29	5	12	19	26	3	10
T	3	9	16	23	30	6	13	20	27	4	11
Q	4	10	17	24	31	7	14	21	28	5	12
O	5	11	18	25		8	15	22	29	6	13
S	6	12	19	26		9	16	23	30	7	14
S	5	11	18	25		2	9	16	23	2	9
JULHO				AGOSTO				SETEMBRO			
D	1	7	14	21	28	4	11	18	25	1	8
S	2	8	15	22	29	5	12	19	26	2	9
T	3	9	16	23	30	6	13	20	27	3	10
Q	4	10	17	24	31	7	14	21	28	4	11
O	5	11	18	25		8	15	22	29	5	12
S	6	12	19	26		9	16	23	30	6	13
S	5	11	18	25		2	9	16	23	2	9
OUTUBRO				NOVEMBRO				DEZEMBRO			
D	1	6	13	20	27	3	10	17	24	1	8
S	2	7	14	21	28	4	11	18	25	2	9
T	3	8	15	22	29	5	12	19	26	3	10
Q	4	9	16	23	30	6	13	20	27	4	11
O	5	10	17	24	31	7	14	21	28	5	12
S	6	11	18	25		8	15	22	29	6	13
S	5	11	18	25		2	9	16	23	2	9

A Voz de Loulé

ASSINATURAS

Trimestre	14\$00
Semestre	25\$00
Ano	50\$00
Ultramar (Ano)	60\$00
Estrangeiro (Ano)	70\$00
Avulso	1\$20